



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1397

Vivências interculturais na cidade: a presença de estudantes latino-americanos em Foz Do Iguaçu – PR (2007-2015)

Thiago Reisdorfer

Universidade do Estado de Santa Catarina

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo pensar historicamente vivências de jovens estudantes universitários latino-americanos. Constituídas e constituintes da trama intercultural vivenciada na e através da cidade de Foz do Iguaçu-PR a partir de sua inserção na Universidade Federal de Integração Latino Americana - UNILA. Neste sentido, pretendo abordar e problematizar suas memórias, bem como, suas (res)significações identitárias. Estas são aqui entendidas enquanto processualidades históricas em contínua (re)construção, expressas e elaboradas nas narrativas orais, tomadas como fontes centrais para a análise e discussão. Tais problemáticas serão pensadas enquanto experimentadas e construídas na e através da cidade, espacialidade constitutiva de suas práticas sociais. Para tanto, toma-se enquanto recorte histórico o período entre os anos de 2007, momento de fundação da Unila à 2015, momento em que se constrói a pesquisa. Tanto a condição transfronteiriça, quanto as transformações e construção de temporalidades experimentadas na Unila contribuem para uma reconstrução identitária. Por um lado, o diálogo intercultural construído na relação universidade/cidade/fronteira permite uma reconstrução de sentidos atribuídos por esses sujeitos tanto a si mesmos quanto em suas relações com a sociedade. Assim, tanto suas identidades nacionais, quanto de gênero, políticas, entre outros, passam por um processo de ressignificação. Por outro lado, a experiência juvenil universitária, permite e demanda, uma realocação do sujeito perante a sociedade. Compromissos profissionais, políticos, pessoais devem ser construídos a partir do percurso universitário gerando esse processo de transformação identitária. Ao mesmo tempo, há um conjunto de relações constituídos na urbanidade em que se inserem.

Palavras-chave: Identidade; Fronteira; Universidade.

A cidade de Foz do Iguaçu é comumente lembrada pela sua específica conjunção entre maravilhas da natureza e gigantescas intervenções humanas. A Usina Binacional de Itaipu, construída ao longo das décadas de 70 e 80 pode ser vista como uma síntese desse processo. Aproveitando uma conjunção natural favorável, aplicou-se

uma enorme energia humana ao longo da ditadura militar visando a construção desta gigantesca obra que une fatores de infraestrutura, geopolítica, natureza e resistência social. O mesmo acontece com a chamada Ponte da Amizade, unindo Brasil ao Paraguai.

Nessa cidade de fronteiras, a(s) ponte(s) ao mesmo tempo em que unem através da ligação física ou simbólica, separam, através da construção de barreiras e fronteiras calcadas na sedimentação de preconceitos múltiplos que atravessam a relação entre Brasil e Paraguai. Nessa conjunção entre pontes e muros existem em Foz do Iguaçu, duas universidades públicas presenciais, a Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, e a Universidade Federal de Integração Latino-Americana - UNILA. A Unioeste foi fundada em 1994 a partir da união de faculdades municipais independentes. Tais faculdades eram localizadas nos municípios de Cascavel, Toledo, Marechal Cândido Rondon e Foz do Iguaçu. Já a UNILA, cujos estudantes e suas relações com a cidade são o foco de nosso olhar, começa a ser estruturada em 2007 e entra em funcionamento em 2010. Foi formada dentro de uma conjuntura política de governo federal que buscava privilegiar um fortalecimento da imagem e da influência brasileira na América Latina (FROTA, 2013 e MARTINS, 2010). O número de estudantes universitários latinos¹ em Foz do Iguaçu é expressivo. A cidade contou, entre 1995 e 2012, somando as duas universidades com: 200 estudantes paraguaios, 80 uruguaios, 61 peruanos, 51 equatorianos, 49 argentinos, 47 bolivianos e mais 79 estudantes de outros países da América latina.

Esta presença acentuada de estudantes estrangeiros nas universidades públicas de Foz do Iguaçu, que chega à metade do número de estudantes da Unila em 2013, pode nos levar a pensar que o ideal moderno da cidade, tal como discutido em Caldeira (2011), enquanto espaço público e lugar privilegiado do convívio entre diferentes, se realizou nesta cidade. Entretanto, objetiva-se aqui, problematizar essa presença, evidenciando elementos de produção e reprodução de desigualdades sociais² – uma

¹ Nos referimos à latino-americanos e brasileiros distintamente, com o objetivo de dar praticidade e fluência à escrita do projeto. Entendemos, junto com Canclini (2008) que os brasileiros, mesmo que busquem se distanciar, estão inseridos no contexto latino-americanos.

² A perspectiva sobre desigualdade social que abordamos aqui parte das discussões realizadas na disciplina de História e relações políticas no Brasil contemporâneo. Entendemos que, assim como construído nas discussões, a

das marcas da cultura política brasileira³ – calcada na ideia de que a cidade, e a universidade, devem ser construídas para manter um privilégio social para determinados grupos ativando preconceitos diversos. Para a consecução desse objetivo analisaremos algumas reportagens do periódico EmpresariALL e seu discurso sobre os estudantes da Unila, percebendo a construção de tensionamentos na relação entre estes universitários e grupos sociais citadinos. Desta forma, a experiência paulistana de construção de muros em um espaço que, teoricamente, deveria ser marcado por possibilidades de pontes, se reproduz, com especificidades locais e contextuais, em outras cidades brasileiras.

Caldeira (2011) ao abordar o ideal moderno de cidade apresenta um espaço calcado no contato entre diferentes, com a formação do espaço público que possibilite essa dimensão. Entretanto, aponta que essa “utopia” da urbanidade moderna tem sofrido significativas transformações nas práticas cotidianas urbanas, em especial, no Brasil. O problema da desigualdade social, da violência e do privilégio atravessam essas urbanidades estabelecendo e construindo impedimentos para o contato. Seja no marcar a desigualdade, seja no muro que nos separa da rua, mas também protege do assalto, do pobre, do negro, enfim, do diferente, a cidade tem diminuído suas pontes e incrementado seus muros. A constituição histórica de Foz do Iguaçu que emerge na literatura a partir de um tensionamento entre uma historiografia tradicional, próxima ao poder local, e uma nova onde de pesquisas contestadoras, nos ajuda a compreender esse processo.

Para que seja possível entender as questões relacionadas a presença de estudantes latinos e os tensionamentos estabelecidos a partir da construção de características de desigualdade na cidade é necessário pensar a constituição desta espacialidade. Foz do Iguaçu está localizada no extremo oeste do estado do Paraná. Faz fronteira com dois países: através de Ciudad Del Este, faz divisa com o Paraguai e, através de Puerto Iguazú, faz divisa com a Argentina. Essa região é conhecida como

desigualdade social, juntamente com a violência e o regionalismo, são três características básicas que atravessam a cultura política brasileira.

³ A perspectiva sobre culturas políticas que abordamos aqui partem das discussões realizadas com diversos autores tais como Bernstein (1998, 2009) na disciplina de História e relações políticas no Brasil contemporâneo.

Tríplice Fronteira, uma alusão às divisas internacionais apontadas. Sua população total é relativamente inconstante. Em 1960 contava com 28.080 habitantes, passando para 33.970 em 1970 e quadruplicando em uma década, indo para 136.320 habitantes em 1980. A partir dessa década as mudanças populacionais não são mais tão abruptas. Foz do Iguaçu passa a 190.123 habitantes em 1991, 258.543 habitantes em 2000 chegando em 2010 com 256.088 habitantes.⁴

A narrativa oficial⁵ situa o surgimento do povoado de Vila Iguaçu que posteriormente formaria a cidade de Foz do Iguaçu no ano de 1881, quando a localidade teria recebido seus dois primeiros habitantes: Pedro Martins da Silva e Manuel Gonzáles, sintomaticamente, um brasileiro e um espanhol. Oito anos após, em 1889 foi fundada a colônia militar, dando início à ocupação oficial da localidade. Todavia, é somente em 1914 que é fundado o município de Vila Iguaçu. Entretanto, a memória oficial se ocupa de destacar o crescimento da localidade a partir de grandes obras de engenharia que teriam transformado o município em uma importante cidade:

Com a inauguração da Ponte Internacional da Amizade (Brasil - Paraguai) em 1965 e inauguração da BR-277, ligando Foz do Iguaçu à Curitiba e ao litoral, em 1969, Foz do Iguaçu teve seu desenvolvimento acelerado, intensificando seu comércio, principalmente com a cidade paraguaia de Puerto Presidente Stroessner (atual Ciudad del Este). A construção da Hidrelétrica de Itaipu (Brasil - Paraguai), iniciada na década de 70, causou fortes impactos em toda a região, aumentando consideravelmente o contingente populacional de Foz do Iguaçu. Em 1960, o município contava com 28.080 habitantes e, em 1970, com 33.970, passando a ter, em 1980, 136.320 habitantes e registrando um crescimento de 385%, estimando-se hoje uma população de 255.900 habitantes.⁶

⁴Fontes: IBGE. In: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=410830&search=paranafoz-do-iguacu|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria> Acesso em: 02/03/2014. E Site da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu: <http://www.pmf.pr.gov.br/conteudo/?idMenu=1007> Acesso em: 20/07/2015.

⁵Elementos dessa narrativa podem ser percebidos em: Site oficial da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu: <http://www.pmf.pr.gov.br/conteudo/?idMenu=1007>
Verbete da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Foz_do_Igua%C3%A7u este verbete é replicado em vários outros espaços que abordam a história da cidade como, por exemplo: <http://www.portalfoz.com.br/historia/>.

⁶ Informações do site oficial da prefeitura de Foz do Iguaçu. <http://www.pmf.pr.gov.br/conteudo/?idMenu=1007> Acesso em: 20/07/2015.

Neste sentido, o discurso oficial, num trabalho de enquadramento da memória (Pollack, 1992), além de apagar prévios moradores da região, em especial povos indígenas guaranis que habitavam aquele espaço, também constitui uma memória linear e teleológica que exclui desta história os inúmeros sujeitos que a constituíram e ainda a constituem. Esta destaca as obras na região como sinais de progresso e crescimento, que são localizados apenas como fruto do volume populacional do município. Dessa forma são silenciadas as transformações socioculturais que tais obras trouxeram e trazem para a localidade. Os cerca de 40 mil trabalhadores, vindos para a construção de Itaipu, aparecem apenas como estatística nesse discurso, apagando-se suas subjetividades e trajetórias⁷. Apaga, nega, ou invisibiliza também a presença de parcela significativa da população da cidade, quais sejam, os estudantes universitários latino-americanos, objeto de preocupação deste texto. Nesse discurso a constituição da cidade se dá apenas a partir de obras de infraestruturas e não no chão de historicidades constitutivo da experiência cidadina. Esse deslocamento e silenciamento de memórias evidencia uma das questões aqui problematizadas. A construção da desigualdade, característica da cultura política brasileira, passa por um processo de tentativa de apagamento dos desiguais da memória social. A memória oficial é construída pelos “iguais”, por grupos sociais privilegiados que tem acesso à estruturas de poder que constituem espaços de produção, divulgação e comemoração da memória. Apagar os pobres, trabalhadores e migrantes que construíram as grandes obras de infraestruturas de Foz do Iguaçu é construir e sedimentar a desigualdade em outras dimensões sociais. Os muros não estão mais apenas na cidade física, mas também na cidade celebrada, memorizada.

A constituição desta cidade que nas últimas quatro décadas foi ponto de encontro de migrações diversas, especialmente durante o processo de construção da usina hidrelétrica de Itaipu, produz uma historicidade que deve ser pensada se quisermos entender os problemas e as possibilidades enfrentadas pelos jovens estudantes ao dialogarem com as desigualdades ali constituídas. Sem compreender a

⁷ Renato Muchiuti Aranha em sua dissertação “De Conjuntos habitacionais a bairros: A construção e o desmonte das vilas de Itaipu (1974-2012)” aborda a constituição de espaços de moradias e vivências destes trabalhadores, enfatizando e analisando a história das chamadas Vila “A” e Vila “B”.

específica historicidade dessa cidade, se torna impossível compreender o objeto de análise que aqui nos propomos.

Sobre o processo de constituição de Foz do Iguaçu há, além do discurso oficial apontado acima, uma vasta produção historiográfica e memorialística como apontado em Gonzalez (2005) e Souza (2009). Essa produção em diferentes momentos constrói análises que ora visam destacar o progresso trazido a Foz do Iguaçu pelas transformações ocorridas a partir da década de 1970, ora os problemas que tal progresso teria trazido para a cidade. Assim, enquanto uma produção ligada, majoritariamente, ao poder municipal busca destacar a importância da obra de Itaipu e da abertura da cidade ao turismo, outro conjunto de produções ligadas ao espaço acadêmico enfatiza o aprofundamento da pobreza e da miséria trazidas pelo afluxo populacional decorrente desse progresso. Ambas as perspectivas situam como centro desse processo, elementos exteriores aos controles locais. Assim, essa produção toma muitas vezes a cidade mais como “alvo da história” do que enquanto espaço de historicidade. Nessa perspectiva, tanto a responsabilidade pelo progresso, quanto a culpa pelas mazelas, estão situadas nas decisões de tornar a cidade alvo da construção de Itaipu; a existência da tríplice fronteira que gera o turismo comercial e o contrabando; o tráfico de drogas e a violência que toma Foz do Iguaçu como caminho; o turismo, dádiva da natureza. Dessa forma, para esses autores, a cidade é atingida por benesses ou malefícios, dependendo da perspectiva, que fogem ao controle dos grupos sociais que constituem essa espacialidade.

Buscando se situar numa posição crítica em relação a esta produção, os textos de Gonzalez (2005) e de Souza(2009) buscam destacar a complexidade deste processo, entendendo-o como um processo social mais amplo que não se pauta apenas na produção de progresso ou da miséria vindos de fora. A desigualdade, para esses autores, é constituída nas dinâmicas de espoliação urbana dos pobres.

Como apontado as trajetórias dos estudantes latino-americanos se inserem numa cidade cuja memória oficial e/ou social é/foi profundamente marcada por transformações estruturais dessa cidade, tais como: a construção da usina de Itaipu a partir de 1973; a transformação da cidade em um polo turístico baseado nas Cataratas

do Iguçu; o enorme afluxo de “contrabandistas” também conhecidos como “muambeiros” que utilizam-se da fronteira entre Foz do Iguçu e Ciudad del Este para a realização de compras. Entretanto, concomitante a essas construções de memórias há processos de vivências urbanas que escapam a tais dinâmicas, como apresentados por Gonzalez (2005). A cidade apresentada como pólo turístico e energético é também constituída por práticas sociais fugidias elaboradas nas franjas dos processos históricos constituintes do discurso oficial que busca condicionar uma memória única para aquela cidade⁸. Nessa complexa rede de poderes que buscam construir memórias para a cidade se inserem estudantes latino-americanos que trazem consigo experiências e subjetividades novas, complexificando seus processos de construção identitária. Entretanto, ao ingressarem nessa cidade vivida, não idealizada, enfrentam pré-conceitos e preconceitos constituídos pela relação umbilical desta espacialidade com suas fronteiras latinas⁹ com a Argentina e Paraguai.

Essa cidade, marcada por forte presença migratória e pela coexistência com fronteiras internacionais, em tese, seria um espaço idealizado para o ideal de espaço público moderno. Essa publicização da urbanidade deveria ser fortalecida a partir da imbricação geográfica, fortalecida pelo discurso de integração presente na universidade, bem como por um discurso de multiculturalismo que emana de diversas fontes, como a prefeitura municipal:

Dentre todas as belezas que Foz do Iguçu abriga, a harmonia entre etnias que vivem seja, talvez, tão admirável quanto as Cataratas do Iguçu e tão gigantesca quanto Itaipu. E agora, conforme dados da Receita Federal, a cidade pulou de 72 para 81 etnias oficiais¹⁰.

⁸ Nessa linha de discussão ver ainda: OLIVEIRA, Nara Regina Olmedo de. Foz do Iguçu Intercultural: Cotidiano e narrativas de alteridade. Dissertação. Unioeste. 2012. STERLING, German Adolfo Ocampo. Representações Museográficas na Fronteira: Museo de la Tierra Guarani (Henandárias/Paraguai) e Ecomuseu (Foz do Iguçu/Brasil). Dissertação. Unioeste. 2011.

⁹ Para a discussão sobre a tríplice fronteira e Foz do Iguçu, ver: CARVALHO, Francione Oliveira. Fronteiras Instáveis: Inautenticidade intercultural na escola de Foz do Iguçu. Tese. Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2011. ALBUQUERQUE, José Lindomar C. Fronteiras em Movimento e Identidades Nacionais: A imigração Brasileira no Paraguai. Tese. Universidade Federal do Ceará. 2005. GONZALEZ, Emilio, DUARTE, Geni Rosa. A construção de si e do (no) outro: Deslocamentos de músicos na Tríplice Fronteira (Brasil / Argentina / Paraguai). Espaço Plural. Nº 20. 2009.

¹⁰ Reportagem sobre a multiplicidade de grupo étnicos em Foz do Iguçu. Disponível em:

<http://www.oparana.com.br/variedades/vai-a-81-o-numero-oficial-de-etnias-em-foz-do-iguacu-44853/>. Acesso em: 04/03/2014

O discurso da multiétnicidade e da multiculturalidade que estabelecem uma convivência harmônica em Foz do Iguaçu é constituído no silenciamento dos diversos muros impeditivos ou desestimuladores da convivência social. Esta fala nos estimula a perguntar: A experiência dos estudantes é constituída nesse espaço público idealizado enunciado acima?

Os dados apresentados anteriormente demonstram uma significativa presença destes estudantes latino-americanos nas universidades públicas de Foz do Iguaçu. No entanto, quando consideramos a inserção da Unila nesse processo, percebemos uma presença significativamente maior de latinos. Diferentemente da Unioeste, a Unila é especificamente voltada para a vinda de estudantes latinos. Inclusive em seu processo de seleção, onde 50% das vagas são destinadas a estes estudantes. Para tanto, tais vagas são enviadas para os Ministérios da Educação, ou órgãos equivalentes em cada país de procedência dos futuros alunos, que ficam responsável pelo processo de seleção. Assim, enquanto as vindas de estudantes para a Unioeste não são necessariamente estruturais, mas casos específicos, no caso da Unila há campanhas para que essa presença não apenas permaneça, como também aumente e seja uma constante. Essa condição pode ser visualizada, por exemplo, através da assistência estudantil, onde todo estudante estrangeiro da Unila tem direito a uma ajuda de custo para sua permanência na cidade. No ano de 2014 estava fixada em 300 reais. Tais políticas direcionadas não estão presentes na Unioeste. É possível que a presença de estudantes estrangeiros em pequeno número não cause estranhezas maiores na dinâmica da cidade. Entretanto, tal presença pode também soar incômoda, gerando rivalidades e problemas na forma como grupos de cidadãos abordam tal questão.

Há a partir de Foz do Iguaçu a constituição de diversos blogs e meios de comunicação que abordam essa temática. Chamo a atenção aqui para o periódico EmpresariALL. Esse periódico de publicação mensal conta também com um blog onde ocorrem postagens quase diárias. O autor do mesmo “militante” anti-petista, construiu ao longo dos últimos anos uma série de artigos sobre a Unila e seus estudantes. Esses textos são uma ponderação interessante em relação ao discurso da convivência

igualitária entre os diferentes habitantes de Foz do Iguaçu. Isso pode ser percebido a partir do seguinte texto do periódico:

Unila: O perigo mora ao lado.

Jovens barbados, cabeludos, com roupas sujas repletas de símbolos comunistas dividem espaço com livros e drogas. Parece cenário de um filme decadente dos anos 1980. Mas é Foz do Iguaçu, hoje. É um dos locais que abrigam estudantes da Unila - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, criada com recursos do povo brasileiro em janeiro de 2010. A ideia que se originou da megalomania de um ex-presidente pode reforçar a má imagem de Foz do Iguaçu. Como toda ideia socialista, nasce num fundo de verdade: integrar povos latinos que são separados até pelo idioma. Mas, como toda ideia socialista, é desviada do foco original para se transformar numa manobra para perpetuação de um grupo político no poder. (...)Esses alunos farão título de eleitor para votar naqueles que lhes tiraram dos piores rincões da América do Sul para a fronteira-maravilha.¹¹

O que é possível perceber no excerto acima é justamente uma oposição ao discurso da igualdade e da convivência pacífica entre os diferentes na cidade. A virulência do ataque aos estudantes focaliza justamente características que fariam dele o diferente. Cabeludo, maconheiro e símbolos comunistas – características essas efetivamente presentes entre os estudantes da Unila – são utilizadas para a construção de um discurso de desigualdade. Importa destacar que, como discutido ao longo do semestre, a característica da desigualdade social brasileira é sua permanência mesmo quando alguns de seus elementos são fragilizados. Se não consegue ativar discursos de inferioridade de classe, o periódico ativa representações sociais identificadas primeiro com o passado – década de 80 - depois com o medo social atrelado ao tráfico de drogas. As características destacadas dos estudantes legitimariam o “perigo” destacado pelo autor logo no título. O discurso do uso de drogas como elemento legitimador do preconceito e, desta forma, construtor da desigualdade, é ativado em outros momentos pelo mesmo jornalista:

Uma determinada universidade de Foz do Iguaçu ganha mais um apelido. Os vizinhos de um dos prédios da instituição, no centro da cidade, já se acostumaram a chamá-la de Unicrack. Isso porque é bastante comum ver pessoas abusando do álcool, fumando maconha e até pedras de crack em frente à universidade que fica numa rua sem saída.

¹¹Disponível em: <http://empresariall.blogspot.com.br/2013/09/unila-o-perigo-mora-ao-lado.html>. Acesso em: 04/03/2014

Imagina só. O aluno frequenta uma instituição de ensino por 5 anos consecutivos e o máximo que consegue alcançar é um diploma da Unicrack e milhões de neurônios a menos. Uma lástima! Depois que a PM atender ao chamado do cidadão de bem e sentar o cacete, não há como fingir vitimismo nem alegar perseguição ideológica, viu?¹²

A ativação do discurso do uso de drogas como elemento legitimador da desigualdade que necessitaria ser construída é seguida por outra dimensão central da cultura política brasileira: a violência. O encerramento da reportagem chama a PM – instituição problemática por si só, visto ser um dos remanescentes da ditadura militar brasileira – a intervir na situação. Entretanto essa intervenção deve ser baseada na violência policial, afinal para resolver o problema os policiais deveriam “sentar o cacete” nos estudantes. A solução para esta desigualdade é apresentada como simples pois o cacete do policial teria a possibilidade de ou corrigir, ou punir o desigual.

Tanto Barbosa (1995) quanto Menezes Silva (2011), apontam a importância da imprensa como elemento constituidor de discursos e memórias sociais. A partir de elementos como a escolha da notícia, seu enquadramento, sua forma e seu conteúdo veículos de comunicação constroem uma escrita midiográfica que imprime marcas nas práticas cotidianas cidadinas. Deste modo, o discurso presente no periódico citado constrói significações para a presença dos universitários da Unila na cidade. Esse discurso, marcado por características pejorativas e afirmações preconceituosas encontra reverberações sociais.

No contato entre esse discurso virulento, abordado aqui a partir do periódico EmpresariAll e a experiência cotidiana urbana se processam as vivências universitárias. Nesse processo, tensões múltiplas ocorrem. Neste contexto, práticas como o auxílio estudantil recebido pelos estudantes da Unila podem gerar reações diversas pelos diferentes grupos sociais constituídos pelos cidadãos. Desde a possibilidade de apoio de determinados setores do comércio, até a rejeição de pessoas que podem se sentir prejudicadas pela presença de estrangeiros em instituições de ensino superior bancadas pelo dinheiro público, como podemos perceber na fala de Valentina:

¹² Disponível em: <http://empresariall.blogspot.com.br/2014/11/unicrack-nova-universidade-de-foz-do.html> Acesso em: 20/07/2015.

Agora, a questão da relação com a cidade quando a gente chegou, quando eu cheguei aqui a gente era muito mais bem recebido assim, a gente tinha muitas expectativas da Unila por parte da população e isso gerava que eles nos tratassem de um jeito bem agradável. Só que o ano passado a gente teve uns problemas que, é, a polícia a gente tem problemas que foi a perseguição policial aos estudantes da universidade a repressão policial aos estudantes da universidade foi uma questão muito forte não só com os estudantes da Unila mas não só. (...) Ai isso obviamente saiu na imprensa, e a imprensa começou a gerar junto com a polícia uma estigmatização dos estudantes da Unila. Então os estudantes da Unila são maconheiros, os estudantes da Unila estão aqui pra roubar a vaga dos brasileiros entrar na universidade; os estrangeiros, a gente não merece estar aqui porque a gente está aqui só pra fumar maconha e fazer festa. Enquanto que os filhos dos trabalhadores de Foz tem de trabalhar pra pagar a universidade e começaram a criar aquele estigma sabe.(...) A gente sofreu preconceito pra caralho. Realmente o ano passado na rua você ia, você via que era estudante da Unila e falavam alguma coisa, via que você era estrangeiro e falavam alguma coisa, foi uma situação tensa, forte.

Neste sentido, as relações entre os estudantes e diferentes grupos de cidadãos não são lineares, igualitárias, tampouco uniformes. Como podemos ver acima, a presença da Unila e, conseqüentemente de estudantes latinos na cidade primeiramente gerou boas expectativas, que redundou num relacionamento que, segundo Valentina, foi tranquilo. Entretanto, a repressão policial a festas destes estudantes e ecos desses eventos na imprensa, fizeram tal relação se tornar cada vez mais conflituosa. Essa situação redundou, segundo Valentina, num preconceito manifestado pelos cidadãos em relação aos estudantes da Unila.

Esse preconceito que na fala de Valentina tem como consequência uma violência simbólica sofrida pela estudante, ampliou-se em determinados núcleos sociais levando a efetivação de atos de violência física contra estudantes estrangeiros quando em 2013 :

(...)Um estudante uruguaio da UNILA ser agredido em um restaurante de Foz do Iguaçu, no mês de novembro. “Foi a primeira vez em que aconteceu discriminação seguida de agressão a um estudante estrangeiro da Universidade. Devido às limitações jurídicas da UNILA em casos como esse, pedimos apoio à Defensoria Pública da União para que fossem tomadas as providências cabíveis e fomos prontamente atendidos”, afirma a pró-reitora de Relações Institucionais e Internacionais, Gisele Ricobom.¹³

¹³ Disponível em: <http://www.unila.edu.br/noticias/direitos-humanos-1> Acesso em: 20/07/2015.

O ideal da cidade como espaço de possibilidade de convivência das diferenças é corroído nessa espacialidade pela lógica da desigualdade social. A diferença é transformada em desigualdade e se transforma em mecanismo de evasão da violência que atravessa nossa sociedade. O que pode-se perceber em Foz do Iguaçu em muito se aproxima das características apontadas como comuns a sociedade brasileira ao longo do semestre. Uma sociedade que se quer democrática, igualitária convive e constrói mecanismos de diferenciação legitimadores da desigualdade social e produtores de violências simbólicas e físicas.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alzira Alves de. A mídia na transição democrática brasileira. *SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, n.º 48, 2005, pp. 53-65.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *Fronteiras em Movimento e Identidades Nacionais: A imigração Brasileira no Paraguai*. Tese. Universidade Federal do Ceará. 2005.
- ARANHA, Renato Muchiuti. **De Conjuntos habitacionais a bairros: A construção e o desmonte das vilas de Itaipu (1974-2012)**. Dissertação. UDESC, 2013.
- BARBOSA, Marialva. Senhores da memória. In: *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 18, n. 2 (1995).
- BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- CALDEIRA, Teresa. Violência policial e democracia. / A implosão da vida pública moderna. In: CALDEIRA, Teresa. *Cidade de muros*. SP: Ed 34.
- CARVALHO, Francione Oliveira. *Fronteiras Instáveis: Inautenticidade intercultural na escola de Foz do Iguaçu*. Tese. Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2011.
- FROTA, Luiz Phelipe Pimenta. *Unila e o plano de integração brasileiro para a América Latina (2007 à 2012)*. **Anais III Fórum Brasileiro de Pós-Graduação em Ciência Política**. Curitiba, 2013.

GONZALEZ, Emilio, DUARTE, Geni Rosa. A construção de si e do (no) outro: Deslocamentos de músicos na Tríplice Fronteira (Brasil / Argentina / Paraguai). Espaço Plural. Nº 20. 2009.

GONZALEZ, Emilio. **MEMÓRIAS QUE NARRAM A CIDADE:** Experiências sociais na constituição urbana de Foz do Iguaçu. Dissertação. PUC/São Paulo, 2005.,

KOWARICK, Lúcio. Produção do espaço urbano e lutas sociais / As desventuras da cidadania / Lutas urbanas e movimentos populares. In: _____. Escritos urbanos. SP: Ed. 34.

MARTINS, José Ricardo. UNILA: Uma Universidade Federal Brasileira para América Latina. IN ;Ponto e Vírgula, Nº 7, 2010. P. 224-243.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol. 2, nº. 3, 1989.

SALES, Teresa. A cultura da desigualdade. In:____. Trama das desigualdades, drama da pobreza no Brasil. Tese (Livre Docência). Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade de Campinas. 1992.

SILVA, Sonia Meneses. Os fazedores da história / Os urdidores do passado. In:____. A operação midiográfica: a produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – a Folha de São Paulo e o golpe de 1964. Tese. Doutorado em História. Universidade Federal Fluminense. 2011.

SOUZA, Aparecida Darc de. Formação econômica e social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008). Tese. USP, 2009.

SOUZA, Jessé. Modernização periférica e naturalização da desigualdade. In: SCALON, Celi. Imagens da desigualdade. BH: UFMG.